

Para que serve uma central sindical e porque nossa filiação à Conlutas não mais nos atende? Pela desfiliação imediata do Sinasefe –Ifes da Central Sindical e Popular - Conlutas

As centrais sindicais possuem uma função importante de aglutinar diferentes entidades de classe a fim de construir a unidade de uma parcela mais ampla possível da classe trabalhadora e unificar também as nossas lutas e ampliá-las quantitativamente e qualitativamente. Nesse sentido, o movimento de nos filiarmos e militarmos conjuntamente em uma central deve ter como perspectiva que nossa luta pode e deve ser ampliada para além de um movimento setorial de trabalhadorxs para se juntar a outros segmentos, se fortalecer e tornar-se plural na medida em que absorvemos também as demandas mais amplas e prioritárias de toda classe trabalhadora.

Nesse sentido, cabe destacar que mesmo diante da defesa da desfiliação da CSP- Conlutas, não deixamos de reconhecer a importância que uma central sindical possa vir a ter para os trabalhadorxs, bem como da necessidade de avaliarmos de forma permanente se a entidade de fato cumpre essa função.

O grande desafio deste movimento de construção coletiva é por um lado não perder a referência de nossas demandas setoriais, uma vez que nos unir a outros segmentos não significa abrir mão de nossas demandas e nem tão pouco de nossa identidade sindical. E de outro, garantir que ao longo desse processo a Central sindical consiga expressar toda essa diversidade que representa a classe trabalhadora. É justamente nesse ponto que a CSP-Conlutas tem sido vacilante, uma vez que suas formulações passam a ser cada vez mais a expressão de um pequeno grupo político sectário, vanguardista e por isso mesmo cada vez mais distante de nossa base.

A construção da CSP teve início em 2003, ano da Reforma da Previdência de Lula que, mesmo retirando direitos da classe trabalhadora, teve o apoio da Central Única dos Trabalhadores – CUT e de outras entidades. Embora a CUT tenha cumprido um importante papel em nosso histórico de lutas na década de 80, na ocasião da chegada do PT ao governo, esta entidade passa a ter sua independência diretamente afetada, uma vez que em diferentes momentos deixa de realizar uma crítica às propostas do governo petista que impactavam negativamente em toda classe trabalhadora. Dentre muitos erros que podem ser cometidos por uma entidade de classe, esse pode ser um dos mais graves. Independentemente de nossa empatia pessoal para com um dado governo, as entidades classistas devem manter sua independência, sobretudo nos temas que dizem respeito à perda de direitos. Nesse sentido, a CSP cumpriu seu papel naquele momento e serviu para aglutinar as entidades que discordavam dessa postura e desejavam construir um movimento diferenciado e independente, que pudessem fazer a crítica livre ao governo, como sempre deve ser a postura das centrais.

Cabe, entretanto, ponderar que tão grave quanto assumir uma postura governista no âmbito de uma entidade classista é a defesa de posicionamentos políticos que não representam a posição da ampla maioria seus filiados a pretexto de serem a vanguarda¹ do movimento dos trabalhadorxs. Aliás, essa ideia de movimentos que se intitulam de vanguarda costuma carregar muitas contradições. A crença de um pequeno grupo político de que está sempre um passo à frente da classe trabalhadora, e não pensando com ela, justifica uma série de posicionamentos que, mesmo não sendo os que são majoritariamente aceitos pela base,

¹ Essa expressão é utilizada inclusive na tese 86 que defendia a manutenção da filiação à CSP-Conlutas e derrotada no 33º Consinasefe.

são mantidos e justificados a pretexto de uma falta de maturidade desta base para a manutenção de tais decisões. Esse foi um dos aspectos levantados na tese de desfiliação aprovada na 33ª edição de nosso congresso nacional do Sinasefe (Consinasefe) em novembro de 2019.

Outra forma de burocratização pode vir de centrais que, diferentemente daquelas que chamamos “chapas brancas”, efetivamente realizam o vivo combate ao governismo, mas, a despeito disso, procuram submeter os seus sindicatos filiados a um ritmo ou determinação para os quais não estão dispostos ou inclinados. Agem como se as bases, por uma pretensa “imaturidade”, “inapetência para a luta política”, ou ainda por não terem a “devida consciência” sobre os seus próprios problemas, precisassem ser convencidas pela Central da materialidade e urgências das suas necessidades. Ainda que sem a mesma intenção das centrais “chapas brancas”, ainda que defendendo um programa de “protocolo revolucionário”, os que estão à frente desse tipo de Central não deixam de colaborar para a alienação das bases, ainda que não pretendam “traí-las”. Alienam na medida em que tutelam, conduzem e, muitas vezes, manipulam a realidade em favor de uma “pauta oculta” e geralmente definida mais claramente em alguma agremiação partidária completamente indiferente à realidade das bases sindicais. Caderno de Teses do 33º Consinasefe, Tese 87.

Talvez este seja o motivo pelo qual se justifica o fato de, mesmo após a **desfiliação na direção nacional**, em novembro de 2019 até o presente momento, esse debate não tenha sido realizado de forma aberta entre nossos filiados. Embora nossa situação não se configure com uma posição ilegal, o adiamento desse debate junto à base não é ético e necessita ser realizado.

Assim como este debate, entendemos que a direção do sindicato precisa realizar a discussão política com a base sem as amarras de um posicionamento político ideológico unilateral. Se o descontentamento com o governo Bolsonaro, por exemplo, parece ser um consenso em detrimento dos inúmeros ataques que temos sofrido no último período, a estratégia de luta e os instrumentos que nossa categoria compreende como legítimos para esse enfrentamento são muito diversos e isso precisa ser debatido sem “tabu” de forma ampla e democrática.

A Conlutas neste período tem se isolado em seus posicionamentos políticos cuja principal expressão resultou no “Fora Todos” frente à crise do governo petista e o não reconhecimento do golpe de 2016, dentre outros. Esse tipo de postura não trouxe nenhum impacto concreto para o dilema vivenciado pelos trabalhadores na queda do governo Dilma. Os erros históricos dos governos petistas não podem ser desculpa para fecharmos os olhos para a compreensão de que o movimento que operou o impeachment, nada tinha de interesse em combate à corrupção e não poderia nunca gerar a solução para o problema por ele estabelecido. A ruptura com nosso frágil pacto democrático, a pretexto da necessidade de derrubada de um governo corrupto, desencadeou um retrocesso histórico sem precedentes para toda população brasileira.

Por isso entendemos que o “Fora Todos” não representava uma alternativa plausível para população brasileira nem naquele nem neste período. Essa consistiu apenas em uma retórica vazia e vanguardista diante da realidade compartilhada e compreensiva apenas para um pequeno grupo de dirigentes. Tanto assim, que o descontentamento com o governo petista consolidou as bases de um movimento nacional muito pior e reacionário do que tínhamos

anteriormente como alternativa. Nesse sentido, não adianta que tenhamos estabelecido uma “excelente” palavra de ordem, sem que a ampla maioria da população não se reconheça nela.

No mesmo Consinasefe tivemos ainda a denúncia de que a central permitia contribuições diferenciadas entre as entidades filiadas, que estatutariamente deveria ser de 5% de suas receitas. Atualmente isso representa para nós uma contribuição mensal de aproximadamente R\$ 4.600 reais mensais. Na ocasião, a crítica teve como pano de fundo uma discussão aberta nas plenárias do congresso em relação à complacência da CSP com contribuições de entidades que não cumpriam esse percentual, tendo, portanto, um tratamento diferenciado. Além disso, a constatação de o apoio material a uma chapa na disputa da entidade no Rio de Janeiro² foi tema de debate, o que revelou indícios de aparelhamento de grupos políticos no âmbito da instituição.

Conclusão

Diante desses fatos e muitos outros aspectos que poderíamos aqui elencar acreditamos que a desfiliação à CSP-Conlutas seja de fundamental importância para dialogarmos com setores mais amplos da classe trabalhadora. É importante reconhecer que estamos em uma crise política profunda que afeta diretamente nossa categoria e diante de um salto quantitativo e qualitativo de organização de movimentos de ultradireita e antidemocráticos. Essa conjuntura que ameaça inclusive nossa existência exige de nós a saída definitiva desse isolamento político. Inclusive na própria base é recorrente a reclamação de intolerância com a diversidade de pensamento existente em nossa categoria. Isso pode ser um sintoma de um vício político gerado nesse período que precisa ser superado.

O equívoco das instituições partidárias e sindicais, as contradições que vivemos entre nós, não pode ser condição intransponível para nossa unidade e isso dentro da Conlutas não tem sido viável pela intransigência ideológica que por vezes a entidade nos impõe.

Nossa proposição, portanto, é de que neste momento não nos filieemos a nenhuma outra central até que a direção e base consigam construir coletivamente uma nova alternativa, entendendo que este debate deve ser amadurecido. Essa posição também não nos impede de cumprir uma agenda política que seja de consenso inclusive com a Conlutas, mas nos abre a possibilidade de dialogar com todas as entidades que estejam presentes na luta. Além disso, esse posicionamento nos faz realinhar com a direção nacional de nosso sindicato para construção de uma unidade mais ampla e representativa do que a que temos hoje.

² Referente a uma das eleições para a direção do SINDSCOPE – Sindicato do Colégio Pedro Segundo. Uma das chapas que concorria ao pleito recebeu apoio da seção da CSP-Conlutas no Rio de Janeiro para a sua campanha. Essa afirmação foi feita durante o debate público entre as chapas pelo representante da chapa Alternativa de Luta, que, na ocasião, confirmou que sua chapa havia recebido ajuda material da CSP-Conlutas/RJ para confeccionar o material distribuído na campanha. Informações estão presentes na tese 87ª apresentada ao 33º Consinasefe.